

Campeões morais, sabotados, amarelões: as explicações do torcedor brasileiro para as derrotas em Copas do Mundo

Paulo Nascimento

As participações do Brasil em Copas do Mundo e o seu histórico de vitórias neste torneio contribuíram para a consolidação do título de “país do futebol”. Por um lado, as conquistas alimentam em parte dos brasileiros certo sentimento de supremacia em relação aos demais países. Por outro, é latente no imaginário social brasileiro o lamento pelas derrotas, algumas delas consideradas catastróficas, como as ocorridas nas edições de 1950 e de 1998. Uma observação sobre como estas derrotas foram e continuam sendo narradas na trajetória da seleção brasileira revela pistas sobre a dificuldade com a qual os torcedores brasileiros lidam com derrotas, especialmente as ocorridas em Copas do Mundo.

Assim como tudo o que pertence à esfera pública, espaço que os cidadãos têm para explorar o que lhes é comum, o futebol no Brasil também se situa nesta esfera. Afinal, muitas das ações relacionadas ao futebol ocorrem para além dos muros dos clubes ou das salas de reuniões das entidades que o administra e o institucionaliza. Isso se dá graças à potência própria que este esporte adquiriu por aqui, constituinte de uma experiência que o antropólogo Roberto DaMatta (1994) definiu como “uma notável multivocalidade – uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista” (DaMatta, 1994, p. 12). Essa perspectiva sustenta as reflexões sobre o futebol como elemento aglutinador de temas tão distintos como a destinação de verba governamental (ou seja, pública) para entidades particulares (fato mais do que recorrente nas atividades relacionadas aos chamados megaeventos esportivos¹, como é hoje a Copa do Mundo), as alterações jurídicas cabíveis ou não em razão destes megaeventos (como

¹ A noção sobre megaeventos esportivos aqui empregada se estabelece a partir da definição de SCHIMMEL (2006), que trata estes eventos como marcos da modernidade que, especialmente ao longo dos últimos anos, tornam compatíveis os interesses industriais e corporativos aos dos governos, que por sua vez recorrem à ideia de megaevento para justificar ações vinculadas ao desenvolvimento urbano e à representação nacional.

ocorreu nos debates sobre a Lei Geral da Copa²) ou as ações especiais feitas pelas empresas de engenharia do tráfego das grandes cidades em dias de jogos de grande apelo.

Os debates que expõem como a multivocalidade do futebol se plasma no Brasil às vésperas de sediar a Copa do Mundo se manifestam, por exemplo, em discussões sobre modelos de gestão administrativa – qual seja, modelos que demandam grande subsídio do Estado sem que este tenha garantias razoáveis do retorno diante deste investimento; ou quanto a legislação de um país deve ser alterada para atender fins privados; ou os desafios para organizar as cidades que serão tomadas por um significativo contingente de turistas estrangeiros. Tratam-se de exemplos sobre como o futebol, ao mobilizar um grande contingente de torcedores, espectadores e profissionais diretamente ligados a ele (jogadores, técnicos, preparadores físicos, jornalistas, pesquisadores...) que fazem a grande engrenagem na qual ele se transformou girar, interferem também no cotidiano e na vida dos mais variados atores que compõem o espaço público urbano.

Uma das bases da democracia alude à possibilidade da diversidade e do conflito acontecerem neste regime. Longe de significar sua deterioração, este princípio não só caracteriza como deflagra a especificidade deste regime político. E para que a convivência neste regime democrático se realize, é importante que cada cidadão tenha claro para si a urgência que é perceber o outro, e de como a humanidade se sustenta nessa interação com o diferente, ou seja, na prática da alteridade. Sobre a convivência no espaço público entre os diferentes, Hannah Arendt afirma:

Política diz respeito à coexistência e associação de homens diferentes. Os homens se organizam politicamente segundo certos atributos comuns essenciais existentes em, ou abstraídos de, um absoluto caos de diferenças. Visto que os corpos políticos são baseados na família e concebidos à sua imagem, o parentesco em todos os seus graus é visto, por um lado, como algo capaz de unir diferenças individuais extremas e, por outro, como um meio pelo qual grupos assimilados a indivíduos podem ser isolados e contrastados. (ARENDR, 2008, p. 145).

É possível pensar também que, ao utilizar-se do espaço público para se realizar, o futebol produz uma série de memórias que marcam e demarcam as lembranças das pessoas, transformando-o em um intenso marcador de tempo e de memória, não só de

² Publicada do Diário Oficial da União em 06 de junho de 2012 após sanção da presidenta Dilma Rousseff, a “Lei Geral da Copa” aponta as leis sob as quais a Copa do Mundo de 2014 deve ser realizada no Brasil. As discussões geradas a partir da Lei se estabeleceram entre favoráveis e contrários à alteração da legislação brasileira (como o Estatuto do Torcedor) para que as demandas da FIFA fossem atendidas, em questões como venda de bebidas alcoólicas dentro dos estádios e disponibilidade de meia-entrada para estudantes.

cada indivíduo como também uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). E não são poucos os locais de memória e os discursos no Brasil que expõem/expuseram a perplexidade dos brasileiros ante as derrotas da seleção em Copas do Mundo. Um dos exemplos mais nítidos desta consternação alude à derrota da seleção na final da primeira Copa do Mundo sediada no Brasil, em 1950. E que reapareceu em outros momentos, como nas derrotas dos times brasileiros tidos como imbatíveis nas Copas da Espanha em 1982 e do México em 1986, ou na derrota, também na final, na Copa da França em 1998. Esta última trouxe como consequência, em meio aos rumores de resultado arranjado, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em 2001, que tinha como um de seus objetivos investigar as relações entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a patrocinadora esportiva da seleção na Copa da França à época, a empresa americana Nike, acusada de ser um dos pivôs de um alegado resultado arranjado, que culminou com a derrota do Brasil.

Difícil defender que os contratos firmados entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a empresa de material esportivo americana sejam de uma lisura irretorquível. As denúncias surgidas nos anos 1990 contra a Nike pela exploração de mão-de-obra infantil na confecção de seus produtos, todas comprovadas, revelam por onde se estabelece a idoneidade da empresa³. No entanto, é de se pensar se um resultado favorável ao Brasil teria desencadeado todo o movimento que culminou com a CPI. A derrota na final da Copa do Mundo para a França parece ter despertado uma consternação no povo que se entende como o detentor do melhor futebol do mundo. E isso aparentemente ocorreu não por evidências de longa data que causavam ao menos desconfiança no modo como os contratos no futebol brasileiro são regidos. A consternação sobre os torcedores brasileiros se impôs num jogo em que o time brasileiro viu-se totalmente dominado pelo francês, que por sua vez conquistava naquela oportunidade sua primeira (e até agora única) Copa do Mundo de Futebol.

Para além das direções mais ou menos óbvias que surgiram nesta CPI – como as especulações sobre a fidelidade do jogador Ronaldo para com a empresa com quem mantinha contrato⁴ –, é possível refletir também sobre a indisposição do torcedor

³ “Nike rescinde contrato com fábrica por trabalho infantil”. Site Folha Online. <<http://www1.folha.uol.com.br/fohla/mundo/ult94u9550.shtml>>. Último acesso em 24/05/2012.

⁴ Exemplo de tais especulações foi a reportagem da “Folha de S. Paulo” do dia seguinte ao depoimento de Ronaldo na CPI da CBF/ Nike, que cunhou para o atleta termos como “garoto-propaganda” e “advogado

brasileiro em lidar com a vitória e a superioridade do oponente. Se as cinco vitórias em Copas do Mundo ao longo da história do torneio ajudaram a construir um discurso de exacerbada auto-estima da nação e do povo brasileiro, as derrotas em Copas do Mundo consolidadas como as mais traumáticas no imaginário social deste mesmo povo revelam, em alguma medida, a dificuldade desta sociedade em assumir, sem maiores histerias, que o oponente, o outro, foi mais eficiente que o time brasileiro.

Se não perdermos de vista que as Copas são dos momentos em que o sentimento de pertencimento a uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) é mais aflorado entre os brasileiros, é possível que esta manifestação tenha relação com alguns episódios da história do país. O processo de colonização imposto sobre o Brasil, as reverberações que o governo de Napoleão Bonaparte trouxe à então colônia de Portugal, as escolhas feitas no país na busca pelo estabelecimento de um parque industrial nas primeiras décadas do século XX ou a maior atenção à vida no ambiente urbano que no rural são alguns exemplos dos alicerces sobre os quais a noção de brasilidade foi edificada, especialmente sob a forma de mito⁵. Recuperar alguns momentos históricos como os de acima, que contribuíram para o estabelecimento do Brasil como uma nação, podem contribuir para a reflexão de como, para os brasileiros, o sentimento de pertencimento à nação vem à tona com a seleção brasileira de futebol. E também como as performances desta seleção, especialmente em Copas do Mundo, constituem um repertório intenso para que as singularidades próprias à sociabilidade brasileira se estabeleçam.

O esporte na modernidade consolidou-se de tal modo (ELIAS; DUNNING, 1992) que pode fazer crer que as regras pelas quais se estabelece são comuns a qualquer conflito. Há, no entanto, uma outra possibilidade para o estabelecimento da alteridade, na qual o adversário – que em um jogo é o outro – é importante componente para a constituição de si, pois esse adversário instiga naquele que o confronta a reunir suas forças e conseguir explorá-la em um embate do modo que lhe for mais proveitoso. Era sob uma perspectiva próxima desta que combatiam, por exemplo, os guerreiros da tribo tupinambá. O ritual da antropofagia realizava-se na crença de ser aquela prática parte da vida de guerreiros. Tão nobre quanto morrer combatendo seria vencer o combate e comer a carne do inimigo

de defesa”. ASSUMPTÃO, J. C.; NASCIMENTO, S. “Ronaldo vai à CPI e critica investigações”. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. D1, 11 jan. 2001

⁵ Sobre a representação homogênea que os brasileiros possuem do Brasil e de si mesmos e como essa representação alimenta um mito fundador brasileiro, ver CHAUI (2000).

vencido. A crença que sustentava o ritual percebia este inimigo como virtuoso e que se tratava de gesto nobre comê-lo para que essas virtudes fossem assimiladas. Nas palavras de Agnolin (2002, p. 144): “A prática antropofágica constituía o momento culminante do processo cultural Tupi que encontrava na guerra e na execução ritual dos prisioneiros a meta e o motivo fundamental da própria identidade cultural.”

Se a prática antropofágica dos tupis se estabelecia nesses termos, outras noções se fizeram presentes na empreitada mercantil-capitalista europeia iniciada no século XV e intensificada ao longo dos séculos seguintes, na qual a Inglaterra e sua ex-colônia Estados Unidos detiveram/ detêm papel de destaque no monopólio político, econômico e bélico das ações globais. O processo civilizador (ELIAS, 1993) encontrou no esporte importante caixa de ressonância pela qual alguns valores eram incutidos, reverberados e intensificados dali em diante. Valores como a equidade entre os concorrentes, de modo que o melhor preparado, o mais rápido, mais alto e mais forte receberia uma devida condecoração para aquele feito – afinal, em iguais condições aos seus pares, conseguiu se sobressair.

Este modelo de esportivização espalhou-se pelo mundo. Em seu processo de implementação no Brasil, tomou caminhos específicos, inclusive no futebol, onde parte do desafio constituiu-se no estabelecimento de uma norma por vezes claudicante na sociedade brasileira: a aplicação de regras que seja comuns a todos, independente dos poderes que os indivíduos pudessem ter (DaMATTA, 1982, p. 35). Embora persistam os riscos possíveis em generalizações ou leituras panorâmicas sobre assuntos demasiado complexos, é possível recuperar alguns pontos da trajetória do Brasil em Copas do Mundo, e quais destes pontos podem ser recuperados para que se compreenda aquilo que será tratado aqui como dificuldade em perceber o outro se estabeleceu.

No caso da Copa de 1950, a recuperação de fontes e da memória construída acerca do evento subsidia uma percepção de que a expectativa de vitória criada pelos torcedores teria sido grande. Após a não-realização das duas edições previstas para 1942 e 1946 (por decorrência da Segunda Guerra Mundial), o IV Campeonato Mundial de Futebol foi realizado em 1950 e teve como sede o Brasil. A expectativa de vitória criada pelos torcedores em torno desta participação teria sido grande, pois além de ser o país-sede e vir de um terceiro lugar conquistado na Copa anterior, de 1938 (realizada na França), o Brasil acompanhava uma cada vez mais notória popularidade do futebol. A vitória sobre a Espanha nas semifinais com uma goleada de 6 a 1, a possibilidade de jogar a final por um empate, o gol de Friaça que abriu o marcador a favor do Brasil, são alguns dos

elementos que não raro são recuperados para intensificar o caráter de “tragédia” que o resultado final teria adquirido – ou de “catástrofe”, como definiu WISNIK (2008, pp. 245-266). O Uruguai virou a partida, venceu por 2 a 1 e conquistou pela segunda vez a Taça Jules Rimet, concedida aos campeões da Copa do Mundo até que alguém a conquistasse por três vezes e a tivesse em definitivo.

Após o resultado, não faltaram bodes-expiatórios ao vice-campeonato brasileiro, materializado especialmente na figura de alguns dos jogadores. O exagero da imprensa ao dar como dado um resultado a ser conquistado, o lugar que serviu de concentração ao time às vésperas da final, a cor do uniforme, o goleiro Barbosa que teria falhado no segundo gol do Uruguai... mais do que méritos dos adversários uruguaios, o resultado foi absorvido pelos brasileiros de um modo geral como uma falta de mérito da seleção brasileira.

Cerca de uma semana antes da Copa do Mundo de 1958, foi publicada na coluna de Nelson Rodrigues na revista “Manchete Esportiva”, intitulada “Personagem da Semana” algumas prospecções sobre o time brasileiro que, pouco mais de uma semana depois da publicação desta coluna, estrearia em jogo contra a Áustria. Foi talvez o primeiro registro do que se consolidaria no imaginário social brasileiro como complexo de vira-latas (ANTUNES, 2004). Escreveu Nelson Rodrigues (1993b, pp. 51-52):

A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: - "O que vem a ser isso?". Eu explico.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Todos os que se debruçaram sobre a vida de Nelson Rodrigues (CASTRO, 1992), ou mesmo seus registros autobiográficos (RODRIGUES, 1993a), estão longe de sugerir que o atributo modéstia lhe possa ser associado, inclusive quando era o caso dele se referir à sua obra. No entanto, por mais seguro que fosse da pertinência do que escrevia, talvez nem mesmo o próprio Nelson tenha imaginado o quanto que o seu “complexo de vira-latas” seria recuperado por diversas vezes, fosse para tratar do futebol ou de outras situações em que o brasileiro se defrontaria com outro de diferente nacionalidade.

O Brasil venceu a Copa do Mundo sediada na Suécia, em 1958, com vitória na final sobre os donos da casa por 5 a 2. Os adjetivos pejorativos acerca do “ser brasileiro” passaram a dar lugar aos de exaltação. Teria sido a vitória fundamental para sacramentar o tal complexo, como o próprio Nelson afirmou em uma de suas crônicas, intitulada “É chato ser brasileiro”:

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: — que éramos nós? Uns humildes. O brasileiro fazia-me lembrar aquele personagem de Dickens que vivia batendo no peito: — “Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!”. Vivia desfraldando essa humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E, se alguém punha em dúvida a sua humildade, eis o Fulano esbravejante e querendo partir caras. Assim era o brasileiro. Servil com a namorada, com a mulher, com os credores. Mal comparando, um são Francisco de Assis, de camisola e alpercatas. Mas vem a deslumbrante vitória do escrete e o brasileiro já trata a namorada, a mulher, os credores de outra maneira; reage diante do mundo com um potente, um irresistível élan vital. E vou mais além: — diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos. (RODRIGUES, 1993b, pp. 73-74).

Depois da primeira conquista de Copa do Mundo em 1958, o Brasil consolidou-se como potência futebolística e conquistou mais quatro títulos, em 1962, 1970, 1994 e 2002. O terceiro trunfo, conquistado em 1970, parece que, além da conquista em definitivo da Taça Jules Rimet, trouxe também à nação brasileira um sentimento de soberania nesta plataforma internacional que se tornava o futebol disputado pelas seleções nacionais. Como não poderia deixar de ser, também de derrotas compôs-se a história da participação brasileira em Copas do Mundo. E nessas derrotas, não foram raros os momentos em que alguns “vilões” foram escolhidos e alçados ao posto de responsáveis pela derrota (COSTA, 2008).

Equipes que eram tidas como imbatíveis foram superadas; jogadores considerados geniais mostraram sua fragilidade demasiado humana; novos bodes expiatórios surgiram. Talvez haja um elemento que coloque essas derrotas no mesmo plano. A dificuldade de jogadores, membros da comissão técnica, dirigentes, jornalistas, torcedores, enfim, todos os que a cada Copa do Mundo renovam os laços dessa comunidade imaginada que é a torcida brasileira pareciam apresentar alguma resistência em assimilar que o outro venceu não por azar ou por algo da ordem do extraordinário. Parecia inadmissível constatar que a vitória do adversário pode ter vindo, inclusive, porque o oponente se preparou tanto quanto, e naquele dia, naquele jogo, naquela disputa de pênaltis, mostrou-se superior. Se nos anos 2010 é cada vez mais evidente a preparação técnica pautada em um conhecimento científico alimentado por educadores físicos, psicólogos, nutricionistas e correlatos, essa preparação parece responder a uma demanda de minimizar a manifestação do imponderável, do “Sobrenatural de Almeida” – sem considerar que esse imponderável é parte constituinte do futebol e que contribui para que, por exemplo, o “equilíbrio de tensão” apontado por Elias & Dunning (1992, p. 292) se remodele, e o jogo, afinal, se realize.

O outro vice-campeonato brasileiro na história das Copas do Mundo, conquistado em 1998, também ilustra o modo como os brasileiros lidam com derrotas em Copas do Mundo. A equipe brasileira era então a atual campeã do torneio, título conquistado em 1994 nos Estados Unidos passados 24 anos do aclamado tricampeonato. Ao contrário da seleção brasileira, que sofreu uma derrota de 2 a 1 para a Noruega na fase classificatória, os franceses chegaram invictos às finais, com apenas um empate em seis jogos. Nada que tirasse o otimismo dos brasileiros em sua crença pelo resultado positivo. Se tomarmos por base parte do discurso publicitário veiculado no Brasil para promover a final da Copa de 1998, tratava-se apenas de uma questão de tempo para a vitória ser consumada: “A definição de realidade promovida pelo jornalismo, pelos anúncios publicitários (...) levava a crer que Brasil X França ia ser um jogo fácil, provavelmente uma goleada, como sugeriram alguns anúncios e comentaristas (GASTALDO, 2002, p. 139). O resultado que veio, no entanto, foi bem diferente do desejado por mídia e torcida brasileira: derrota por 3 a 0. No dia seguinte ao jogo, manchete de capa do jornal “Folha de S. Paulo” foi: “França é campeã do mundo; Brasil sofre sua pior derrota⁶”.

⁶ FOLHA DE S. PAULO, Primeiro Caderno, 13 jun.1998.

O histórico de participações do Brasil em Copas do Mundo traz à tona indícios sobre como e quando se dão as manifestações da identidade nacional brasileira. Nos dias em que a Copa do Mundo efetivamente acontece, há uma quebra de rotina em muitas das cidades brasileiras – ainda mais se for o caso de, em campo, estar a seleção brasileira. O irromper de um dia de exceção é notório, por exemplo, na recepção feita pela população aos jogos – tema que inclusive já foi objeto de análise sob o prisma da etnografia (GASTALDO et al, 2005). Nas ruas, nos horários alternativos do comércio (que fecha durante o horário de jogos do Brasil), nas bandeiras penduradas nas janelas dos carros, das casas, ou nas mãos dos transeuntes pelas ruas. Se não é o único país em que tal situação se deflagra pelo time nacional de futebol, certamente o Brasil está no grupo de nações que faz isso de modo mais evidente.

Longe de ser algo que se estabeleça “naturalmente”, esse fenômeno é instigado, aguçado e alimentado inclusive por imperativos econômicos, que faturam com os sentimentos que são trazidos à tona para a população brasileira em épocas de Copas do Mundo (GASTALDO, 2002). Este movimento fica evidente na narração dos jogos da seleção brasileira, situação na qual a exaltação “do time verde e amarelo” é grande, na mesma proporção em que aparecem as desqualificações aos adversários. A diferença no grito de “gol” dos locutores é apenas um exemplo de que, mais do que narrar um jogo, ali o principal objetivo é instigar o orgulho da população brasileira, que dentre outros efeitos faz com que os dividendos comerciais gerados com este orgulho instigado se multipliquem.

Referências bibliográficas

AGNOLIN, Adone. “Antropofagia cultural e identidade cultural entre os tupinambá”. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v. 45, n° 01, p.144, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fátima R. F. “**Com brasileiro não há quem possa!**”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ASSUMPÇÃO, João C.; NASCIMENTO, Solano. “Ronaldo vai à CPI e critica investigações”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D1, 11 jan. 2001.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Leda M. da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**. 2008. 159 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DaMATTA, Roberto. “Antropologia do Óbvio”. **Revista USP. Dossiê Futebol**. São Paulo, n° 22, p.10-17, 1994.

_____. Esporte na sociedade: Um ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, pp.19-42.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. II.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A dinâmica dos grupos desportivos – uma referência especial a futebol. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, pp: 279-325.

FOLHA DE S. PAULO. Primeiro Caderno, 13 jun.1998.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo, RS: Unisinos, 2002.

GASTALDO, Édison; LEISTNER, Rodrigo Marques; TEODORO DA SILVA, Ronei; MCGINITY, Samuel. Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Idéias**. São Leopoldo, ano 3, n° 43, p.10-17, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a.

_____. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b.

SCHIMMEL, Kimberly. Deep Play: sports mega-events and urban social conditions in the USA. **The Sociological Review Monograph Series**, v. 54, Issue Supplement s2, p. 160-174, Dezembro 2006.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 245-266.